Os laços colaborativos e as relações de comunicação no mundo do trabalho: o caso dos jornalistas freelancers

Rafael Nascimento Grohmann
Doutorando | USP
rafael-ng@uol.com.br

Thales Vilela Lelo
Mestrando | UFMG
thales.lelo@hotmail.com

Resumo

O presente artigo pretende frisar a importância da análise dos laços colaborativos no mundo do trabalho pelo prisma do binômio Comunicação e Trabalho, com base em uma perspectiva ergológica e no conceito de "entidades coletivas relativamente pertinentes". A discussão teórica será tensionada com uma pesquisa empírica realizada com jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo, apresentando nuances da manifestação desses laços no seio de relações de comunicação.

Palavras-chave

Comunicação, trabalho, jornalismo

1 Introdução

Este artigo propõe-se a investigar a emergência dos laços colaborativos no mundo do trabalho e nas relações de comunicação dos jornalistas e frisar a importância de sua análise, considerando que esses laços são elementos fundamentais na consolidação da atividade diária e na importância adquirida pelo trabalho para esses profissionais, como mediação da comunicação.

O relevo desta proposta ancora-se nas mudanças estruturais da sociedade industrial diagnosticadas por Roseli Fígaro (2008). Para essa autora, desde o início do século XX, os estudos em Comunicação acompanharam, em alguma medida, as transformações no mundo do trabalho propiciadas pelas novas tecnologias empregadas na produção de bens materiais e culturais. A *Mass Communication Research* (propulsora do "paradigma dos efeitos" na comunicação) e os mecanismos de padronização e organização do trabalho formulados por H. Ford e F. Taylor caminharam em consonância, gerando uma dupla desconsideração pelas histórias pessoais, cultura e valores que carregavam os sujeitos, os quais eram os artífices do trabalho e das práticas comunicativas. Na segunda metade do século XX, esse indivíduo foi parcialmente resgatado pelo modelo flexível do toyotismo. A centralidade do trabalho (e de sua exploração) adquiriu novos matizes com a globalização; os dramas e tensões que envolviam os sujeitos da comunicação no trabalho diversificaram-se.

No caso específico do jornalismo, Roseli Fígaro (2011) sugere uma tensão da atividade do comunicador: ora um agente preocupado com os valores éticos da cidadania, ora alguém atento às demandas das receitas publicitárias. Os saberes instituídos no mundo do trabalho desses profissionais (a Deontologia do jornalismo) tiveram sua forma de circulação reorientada; a própria acepção do papel da imprensa passou por um processo de redefinição.

Nesse panorama, modificam-se as configuração do fazer jornalístico e as relações entre os sujeitos em atividade. Emergem novos pontos de transmissão de saberes do grupo; instauram-se novas dinâmicas coletivas voltadas à solução das tarefas diárias; os laços de confiança que associam os colegas de atividade adquirem colorações distintas na construção do mundo comum no trabalho. Nas palavras de Fígaro, se "trabalhar é sempre trabalhar com o outro e comunicar é relação (...) podemos afirmar que ambos, comunicação e trabalho, atuam na construção dos conjuntos de valores que se renovam ou se cristalizam a cada escolha feita" (2008, p. 129). Dessa forma, a "centralidade" que o mundo do trabalho adquire na vida desses atores sociais depende do modo como os elos de partilha edificam-se em situações de trabalho, de modo que a autora atenta para a necessidade de pesquisas nesse âmbito que se proponham a conhecer melhor o funcionamento e a importância desses elos nas interações entre colegas de trabalho.

Este trabalho está centrado no prisma do binômio Comunicação e Trabalho, que desponta como uma perspectiva complementar aos estudos já consagrados na seara das

pesquisas em Jornalismo. Suas bases serão apresentadas no tópico seguinte, assim como os conceitos provenientes desse binômio relativos aos elos tecidos nas práticas comunicativas do mundo do trabalho. Após a apresentação dos aportes fulcrais, será evidenciado o destaque que essa perspectiva confere aos estudos empíricos, de modo que o tópico final será dedicado à exploração de um caso particular, proveniente de uma pesquisa realizada com jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo. A análise servirá para problematizar e tencionar a pertinência dos aportes, descrevendo suas nuances na medida em que são enriquecidas as proposições gerais com elementos novos extraídos do campo.

2 Os laços colaborativos sob o viés do binômio Comunicação e Trabalho

Entender esse novo panorama que se modela nas práticas de interação cotidianas e no mundo do trabalho dos comunicadores exige a adoção de um "olhar comunicacional" baseado no binômio Comunicação e Trabalho. Esse binômio, defendido por Roseli Fígaro e Rafael Grohmann (2012), comporta as atividades indispensáveis da atividade humana. Adotar essa perspectiva implica em "romper com uma visão positivista que entende o trabalho como 'emprego' ou 'profissão', ou que considera comunicação apenas como 'mídia' ou 'dispositivo tecnológico'" (FÍGARO; GROHMANN, 2012, p. 1). No intuito de evadir dessas definições problemáticas, são necessárias aclarações teóricas acerca das noções basilares desse binômio e sobre o entendimento dos elos que se tecem no mundo do trabalho.

O conceito de trabalho revela-se de suma importância. Esse tema será desenvolvido segundo a perspectiva teórica da Ergologia. Essa corrente de estudos pluridisciplinar teve início na França entre 1995 e 1997; tem como raízes teóricas a Ergonomia da Atividade e a Filosofia da Vida, de Georges Canguilhem. A proposta dessa nova disciplina, tal qual sugerido por Abdallah Nouroudine (2011), foi alargar os domínios da Ergonomia, avançando em direção às interfaces que o trabalho estabelece com outros domínios da vida social. A Ergologia fala do trabalho em um sentido lato, como atividade humana vital que comporta um conjunto de coerções e normas provenientes das esferas organizacionais e das teias de valores nas quais o indivíduo insere-se. Para a Ergologia, a norma orienta um contínuo posicionamento dos atores em face das escolhas possíveis, já que, como indica Louis Durrive, "agir nos obriga a escolher (...). É necessário adotar uma só maneira de fazer qualquer coisa e vem daí o posicionamento singular do agir" (2011, p. 49).

Nessa perspectiva, o trabalho não só visa a satisfação de necessidades físicas e financeiras dos agentes engajados em seu domínio (a troca de tempo por dinheiro), mas se apresenta como uma complexidade que atravessa distintas formas de atividade, "das quais algumas têm a forma emprego e outras não" (SCHWARTZ, 1996, p. 151). Evidencia-se redutora, então, a associação direta do trabalho com sua forma hegemônica comercial (que simboliza a troca remunerada de bens ou serviços em uma sociedade mercantil), como demonstra Abdallah Nouroudine (2011). Isso porque essa definição não comporta em suas fronteiras outras formas de trabalho que não estejam ligadas unicamente à dimensão financeira, como a circulação de valores simbólicos. Em suas palavras, "no trabalho não mercantil, os bens trocados são vetor um de construção e instauração de relações sociais que podem ser pacíficas ou conflituosas" (NOUROUDINE, 2011, p. 72), de tal modo que é comum o valor simbólico derivado desses bens sobrepor-se ao valor de mercado.

Nessa linha, Yves Schwartz chega mesmo a afirmar que "o trabalho é portador de outra coisa diferente daquilo que ele é" (1996, p. 153). Isso significa alegar que não é possível segmentar uma divisão clara entre um domínio da experiência dirigido unicamente ao trabalho e as outras esferas da vida social. Schwartz (2011) também assevera que o trabalho possui uma dimensão de enigma, que é o que vai além da atividade mercantil e diz respeito às interfaces estabelecidas com outros domínios da vida cotidiana, com as singularidades que irrigam as normas e prescrições e com os grupos que se formam ao redor do trabalho, os quais conferem sentido ao "viver em conjunto".

Se, para a Ergologia, o trabalho está inserido em um universo de circulação simbólica, sua consumação em uma atividade não corresponderá de maneira alguma à execução maquinal de uma tarefa. De um prisma ergológico, toda relação com o trabalho implica sempre a presença de um sujeito na tarefa realizada. Schwartz (1996) fala de um "corpo-si", que representa a imersão do corpo na atividade. Esse corpo é a base do intercâmbio com o meio físico, mas também é a marca de uma história pessoal e de uma herança cultural. Como afirma Roseli Fígaro, "na atividade de trabalho, o corpo-si revela-se como um ser particular e um ser social. Revela o si como o próprio e o si contribuição do outro que reside na nossa história" (2008, p. 121). Por isso, o corpo está no centro de um debate de normas, de uma dramática que transpassa sua matriz e que implica escolhas de âmbito individual e do modo de vida em grupo.

No seio dessas dramáticas, contudo, nem todo uso de si pelo outro representa perda da autonomia. A esfera coletiva do trabalho também pode significar uma agremiação debruçada na troca de ideias, na transmissão de saberes, na resolução de problemas e no enfrentamento de dificuldades que não seriam minadas pela atividade individual. Como afirma Roseli Fígaro, o envolvimento coletivo pode simbolizar também o estabelecimento de laços de confiança, de associação, já que "trabalhar é, todo o tempo, trabalhar junto" (2008, p. 129). O trabalho pode, então, ser encarado como uma matriz do "laço social" (FÍGARO, 2008, p. 150), já que, em cada atividade de trabalho, há uma "lógica de sociabilidade" (NOUROUDINE, 2002, p. 129), que tem por objetivo a consolidação das relações entre as pessoas. Segundo Abdallah Nouroudine (2011), nem todo intercâmbio no trabalho é voltado para a realização imediata de um serviço em curso; as trocas que vão se edificando no núcleo de uma atividade podem servir para aliviar o *stress* acumulado pelo "corpo-si" após um período extenuante de concentração.

Após esse diagnóstico, não seria exagero afirmar que o mundo do trabalho é um "centro de vida" (SCHWARTZ, 2011), tendo o social como um importante artífice que se posiciona no fazer industrioso, perfurando as "normas" estabelecidas. Todo trabalho diz respeito a "construir mesmo que confusamente os esboços de um mundo mais ou menos comum" (SCHWARTZ, 2011, p. 33). Nessa órbita, o conceito de "entidade coletiva relativamente pertinente" (SCHWARTZ, 2007b) é um esforço da Ergologia em tratar desses laços de construção de um mundo comum, arquitetados no âmbito do trabalho, que são laços entre pessoas que compartilham valores. "As 'entidades coletivas' se traduzem por telefonemas, por deslocamentos, por pequenas notas, toda espécie de formas justamente não codificáveis, diferentemente do que é fixado pelo organograma" (SCHWARTZ, 2007a, p. 91). Trata-se de "relativamente pertinente" porque é fluido, frágil, "porque, se as pessoas mudam, não é evidente que os mesmos laços se criem" (SCHWARTZ, 2007a, p. 89).

As "entidades coletivas" que se consolidam no seio do fazer industrioso são um catalisador dessa proeminência do trabalho na vida social, um "microcosmo da sociedade, no qual se constituem as relações de poder, a afirmação pessoal e profissional, a solidariedade, a amizade" (FÍGARO, 2008, p. 127). Por essta razão, "o mundo do trabalho aparece no discurso dos trabalhadores em todas as pesquisas como a *segunda família*; para alguns, inclusive, a *única família"* (FÍGARO, 2008, p. 127).

Se a Ergologia chamou atenção para a participação dos atores sociais e de suas redes coletivas na configuração do trabalho, no amadurecimento do binômio Comunicação e Trabalho, é necessário também revigorar o sentido de partilha atribuído à Comunicação, tratando-a como um elemento indispensável na edificação social do "mundo comum" e dos laços colaborativos que se propagam na atividade industriosa. Em sua etimologia, como destaca Raymond Willians (2007), a palavra "comunicação" surge no século XV na língua inglesa, derivado do latim *communicare*, que significa "tornar comum a muitos, partilhar". No fim do mesmo século, passa a designar também o que é tornado comum, "uma comunicação". Aos finais do século XVII, o desenvolvimento dos meios de transporte torna-se o carro-chefe da abstração geral de comunicação como sinônimo de canais, estradas e ferrovias. No século XIX e início do século XX, além das vias de transporte, os primeiros sistemas telegráficos eletromagnéticos, os telefones e um conjunto de outras inovações tecnológicas ganham o rótulo de "meios de comunicação".

No amadurecimento do binômico Comunicação e Trabalho, essa definição estreita de comunicação não se comprova satisfatória. Isso porque, se a Ergologia chamou atenção para a participação dos atores sociais e de suas redes coletivas na configuração do trabalho, é necessário também revigorar o sentido de partilha atribuído à comunicação, tratando-a como um elemento indispensável na edificação social do "mundo comum" e dos laços colaborativos que se propagam na atividade industriosa. Nas palavras de Dominique Wolton, a "comunicação é inerente à vida humana. Não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar, tanto na escala individual quanto na coletiva" (2010, p. 19)[1]. A constatação desse autor permite entrever um horizonte compartilhado entre as dramáticas que envolvem os sujeitos em suas atividades de trabalho e as relações comunicativas que se tecem nesse ambiente e que possibilitam a sedimentação de um mundo comum.

3 Da importância do "trabalho" empírico: indícios e saberes da atividade

Os laços que se modelam ao sabor dos acontecimentos cotidianos e que tencionam o mundo do trabalho convidam a um olhar situado para as práticas comunicativas, as quais envolvem um debate de normas mais amplo e contínuo entre um sujeito singular em suas

[1] Esse "resgate" da dimensão de partilha do ato comunicativo não sugere, contudo, um consenso pré-estabelecido. Como aponta Roseli Fígaro, "a comunicação é capaz de revelar as contradições e os conflitos inerentes à sociedade" (2010, p. 2).

tomadas de atitude voltadas a si mesmo e os outros, que são seus parceiros de trabalho na edificação de um terreno comum de atividade. No caso particular do jornalismo, que lida diariamente com a condução de acontecimentos cotidianos em pautas e reportagens, essa constante tomada de atitudes envolve uma "aderência" ao presente, já que "viver e trabalhar faz parte da experiência de viver, é ir ao encontro do presente" (DURRIVE, 2011, p. 52). Nesse estreitamento de elos com o "aqui e agora", a infidelidade do meio corresponde também à emergência de coletivos engajados em apreender as surpresas das ocorrências e de "aderir-se" a estas sob a forma de atividades, solucionando impasses e cristalizando vínculos.

O Estudo de Caso e a pesquisa empírica são preocupações comuns no binômio Comunicação e Trabalho, atento às situações concretas no exame dos laços colaborativos que emergem no mundo do trabalho e no apontamento de indícios de suas configurações no seio da tessitura social. Se, na Comunicação, para José Luiz Braga (2008), o paradigma indiciário é o mais propício para sondar os fenômenos interacionais da comunicação, por permitir, por meio de estudos de caso, a elaboração de inferências transversais sobre o que há de propriamente comunicacional em um conjunto de eventos, na Ergologia tal preocupação também é posta em primeiro plano nas discussões de diversos autores. Pierre Trinquet (2010), a título de exemplo, ao classificar a Ergologia como uma abordagem metodológica consistente, propõe uma distinção entre os saberes acadêmicos e os saberes da atividade. Ao oferecer essa segmentação, esse autor alerta para a importância de sua não dissociação nas pesquisas focadas na perspectiva ergológica, já que tais saberes são complementares na condução dos objetos de estudo da atividade humana. No que tange particularmente ao saber acadêmico, Trinquet assegura que "ele apenas é suficiente para explicar o trabalho tal como é prescrito, antes de sua realização, mas não para explicá-lo em sua realização efetiva" (2010, p. 101). Destarte, a importância do trabalho de campo (pesquisa empírica) é decorrente do fato de que "não se pode compreender o trabalho real e o agir sobre ele permanecendo sempre em uma sala de aula. É fundamental ir até os trabalhadores para falar do seu trabalho" (TRINQUET, 2010, p. 108).

Em consonância com Trinquet, Yves Schwartz (2007b) garante que a linguagem codificada das tarefas (o trabalho prescrito, as normas antecedentes) não esgota a variabilidade das situações de trabalho; particularmente, nos processos concretos de construção das "entidades coletivas relativamente pertinentes", essas linguagens formais

revelam-se incapazes de captar a riqueza e os contornos das atividades dos agentes engajados em laços associativos. Portanto, na apreensão das sutilezas que compõem o mundo do trabalho, faz-se premente uma pesquisa de campo de escopo qualitativo, harmonizada ao imperativo de se observar as ações *in loco* sem, contudo, desprezar avaliações estatísticas complementares sobre o mundo do trabalho dos comunicadores.

4 Os Discursos dos Jornalistas *Freelancers* sobre o Trabalho

A etapa empírica do presente artigo é uma versão ampliada de um excerto da dissertação de mestrado do autor Rafael Grohmann, "Os Discursos dos Jornalistas Freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediações e recepção" e todas as entrevistas foram realizadas pelo autor. A dissertação é parte integrante de uma investigação realizada no Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT) em uma pesquisa maior, "O Perfil do Jornalista e os Discursos sobre o Jornalismo: um estudo das mudanças do mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo" (FAPESP), coordenado pela professora Roseli Fígaro[1]. A pesquisa da dissertação de mestrado foi realizada entre os anos de 2010 e 2011, com 90 jornalistas freelancers da cidade de São Paulo, com base em questionário quantitativo, entrevistas em profundidade e grupo focal. O presente artigo concentra-se na etapa qualitativa da pesquisa. Para maiores detalhes metodológicos, consultar Grohmann (2012).

O trabalho dos *freelancers*, de certa forma, apóia-se nas "entidades coletivas relativamente pertinentes". Essas atividades efetivam-se em conjunto, mas são "relativamente pertinentes" porque não são institucionalizadas. Dependem da conveniência, do tipo de trabalho, de qual relação quer-se ter, mas, geralmente, são "pertinentes por projeto".

Com base nos discursos das entrevistas, percebem-se reconfigurações nas relações de comunicação no mundo do trabalho dos sujeitos pesquisados. Mais solitários, os *freelancers* transformam outros espaços em ambiente de trabalho e mostram a importância da categoria trabalho em suas vidas.

A redação é considerada o momento por excelência do "trabalho em equipe" no jornalismo; por mais que cada um escreva sua própria matéria, essa é a oportunidade para se comunicar com os seus colegas e melhorar o produto de seu trabalho. Para os entrevistados, não é possível trabalhar em total individualidade em um ambiente como uma

redação. Por não terem acesso a esse ambiente, os jornalistas *freelancers*, em geral, sentem falta de comunicação no próprio ambiente de trabalho, de relacionamentos mais duradouros que auxiliem, inclusive, no próprio fazer jornalístico.

> Ele (o frila) trabalha fora, ele trabalha na *home-office* dele, trabalha em casa, trabalha nos intervalos, entre um e outro, ele não tem esse contato, sabe? Ele não tem como trabalhar em equipe. Eu pelo menos, eu sinto falta. Muita, muita. Principalmente porque eu trabalhei em uma época que a redação era maior, sabe? Era muito gostoso, porque era o tipo da coisa assim, você está aqui trabalhando com a sua coisa e você ouvia uma coisa e falava "Você ouviu o que esse cara falou? Falou tal, tal, tal coisa", aí o outro que estava do lado falou assim "Mas sabe... eu tava conversando com outro cara num outro dia e ele falou que esse caminhão aí tem um problema tal, tal, tal". Você entende? Enriquecia. Era um trabalho que você via que costurava a partir do repertório dos demais. Você estava sempre, sei lá, conversando num boteco da esquina, entendeu, é... Hoje não se tem mais isso (Raquel[2]).

Há, nesse enunciado, uma comparação entre duas épocas: a de contratado fixo e a de *freelancer*. Com o novo momento, há a impossibilidade de trabalhar em equipe com uma "saudade" das trocas, das interações que enriqueciam não somente a vida pessoal, mas o próprio produto jornalístico. A palavra repertório, no contexto, é ligada à constituição das subjetividades, nessa troca entre o "eu" e o "outro", em que o "outro" sempre tem algo a dizer e a acrescentar. Ou seja, é com base na comunicação entre os pares que o trabalho é produzido, demonstrando como esse binômio não se separa. Rodrigo corrobora com essa visão: "aí você cria uma troca de ideias entre as pessoas e há surgimento de pautas, isso era muito interessante" (Rodrigo).

O "boteco da esquina", exemplo de um jornalismo "romântico" e "boêmio", é colocado como um exemplo de convívio e relacionamento entre os jornalistas, como um "escape" ao estresse de fechamento dos jornais, como a "cachaça" para aliviar as tensões do dia. Como diz José Hamilton Ribeiro, "jornalista era sinônimo de boêmio, meio irresponsável, meio beberrão (...). O ambiente de trabalho era tão suspeito que nas redações não havia mulher. Principalmente à noite..." (1998, p. 13),. No entanto, quem é que "fica conversando no boteco" (Raquel) com o "frila"? Não há ninguém, pois as relações de comunicação entre os "frilas" geralmente não ultrapassam o mundo virtual. "A amizade que eu tenho com os frilas é mais virtual, não é muito pessoal, é mais por e-mail, por Facebook, mensagem, basicamente é por mensagem" (Pedro). Mensagem, aqui, significa a síntese de toda a

[2] Os nomes mencionados nesta seção são todos fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

"interação virtual". Quando se fala em mensagem, subentende-se uma troca que não ocorre em um mesmo momento (as respostas não são instantâneas), ou mesmo que haverá troca (uma mensagem pode ficar sem retorno).

Com a popularização das redes sociais, a palavra "amizade" alarga seus sentidos corriqueiros de intimidade e laços de confiança conquistados em um processo de longa temporalidade para se associar à ideia de que qualquer pessoa adicionada em uma rede social na Internet pode ser automaticamente um "amigo". Ou seja, a palavra amizade sofre um deslocamento semântico e passa a ser sinônimo de "contato", seja este profissional ou pessoal. Com isso, explica-se o que Pedro quer dizer com "amizade virtual": uma "amizade que não é pessoal". Além disso, para ele, a palavra "mensagem" só faz sentido se for relacionada a esse ambiente virtual.

A falta de interatividade no mundo real está em contraste com esse "mundo interativo" das novas tecnologias. As relações de comunicação dos jornalistas *freelancers* acontecem mais no âmbito virtual que no mundo "ao vivo". E eles se ressentem disso:

> O editor (...) que eu trabalho como frila (...), a gente não se vê, a gente não se fala, eu não tenho nem contato social. Entendeu? Nada! É assim, eu mando a pauta por e-mail. Então você tem assim, um isolamento muito... assim, completo, completo! Sabe? É... Eu acho que, que isso é uma das grandes perdas, porque o jornalismo é interativo, sabe? Principalmente agora nessa época, dessas dinâmicas de mídias sociais, de informação em tempo real, sabe? ... E se perde muito, essa, sabe, essa interação. Essa é uma coisa que eu sinto muita falta. Muita! Fazer o que né... (Raquel).

A fala de Raquel revela um processo de trabalho e as mudanças que ocorreram no seu próprio fazer, pois, antes, ela não enviava a pauta por e-mail; agora, envia – situação essa que ela classifica como uma "perda". Assim, quando Raquel quer dizer relacionamento real, ela utiliza a palavra "interação", muito utilizada para as novas tecnologias; quando ela quer se referir ao mundo virtual, enuncia "mídia sociais" e "informação em tempo real". Ou seja, para ela, as novas tecnologias não possibilitam, de fato, uma relação, uma comunicação: o "contato social" só faz sentido se for "ao vivo". A lamentação pelo isolamento no ambiente de trabalho é embasada pelo argumento de que o "jornalismo é interativo"; e os jornalistas estão trabalhando cada vez mais "sozinhos".

Para Érica, o jornalista *freelancer* é visto na redação como alguém que solucionará os problemas sem a ajuda de ninguém. "Eles não estão muito preocupados em te dar

direcionamento, em saber se você tá conseguindo ou não, sabe? Você tem um prazo, você tem que entregar, e é isso, se você quer receber, como todo frila quer receber" (Érica). Ou seja, o *freelancer* é percebido como alguém terceirizado; justamente por não fazer parte da "equipe", não seria necessária uma comunicação além da protocolar. Nesse enunciado, o "eles" refere-se ao chefe de seus trabalhos como *freelancer*. Não há, aqui, a incorporação do discurso do trabalhador como "parte da empresa"; pelo contrário, trata-se de um distanciamento, revelado não só no próprio trabalho real, como também no discurso de Érica.

"Não tem a segurança, você não tem a... Você não tem com quem trocar. Então você tem que ter essas trocas, você tem que conhecer essas pessoas antes, pra depois você trocar" (Amanda). Perde-se, então, um pouco da comunicação no próprio ambiente do trabalho, que é reconfigurada; perde-se um pouco da "troca". A palavra "troca" é utilizada três vezes, o que demonstra a importância da perda desses laços no ambiente de trabalho.

Os contatos mais "reais" desse "novo mundo do trabalho" são as de um mundo anterior ao da vida de "frila": os amigos de faculdade, as outras redações ou mesmo os familiares. A "rede de contatos" é um diferencial na hora de buscar novos projetos, o que, muitas vezes, impossibilita um recém-formado de viver como um *freelancer*. "Assim, o cara que sai da faculdade com 22 anos e vai ser *freelancer* é complicado. Com quem você vai aprender, com quem você vai... Pra quem você vai ensinar, com quem você vai trocar ideia, sabe?" (Amanda).

Há, nesse enunciado, a consideração de que um "frila" iniciante, por não ter tido "relacionamento real" o suficiente no ambiente de trabalho, com a troca de experiências em uma redação, não conseguiria os "contatos" para atingir o sucesso na função. Natália corrobora com esse pensamento: "Tem que conhecer as pessoas, porque continua sendo esse negócio de quem indica" (Natália). A afirmação dessa jornalista endossa a perspectiva de que os *freelancers*, atentos às novas exigências da sociedade industrial contemporânea, necessitam de uma experiência ampla em laços colaborativos para se preparem para suas atividades de trabalho mais isoladas.

> Eu acho uma coisa muito legal quando você sai da redação é que a redação te obriga a ficar nuns lugares improdutivos e isso é o que mais me irritava, porque eu falava que não é possível, tem tanta coisa pra fazer do que ficar aqui tomando cafezinho sabe? E você conhece, eu mesmo, por exemplo, eu vou muito em evento (...) então eu faço muito contato de fonte, contato de trabalho, contato de colega as vezes pra dividir trabalho, as vezes pra ter e dividir com você, então

> essa forma... O primeiro contato... O *freelancer* tem muito mais contatos, muito mais amigos, muito mais fontes do que quem tá dentro da redação... (Bianca)

A redação, então, para Bianca, obrigava-a a ficar em "lugares improdutivos", o que a "irritava". Contra a irritação e a improdutividade, ela vai muito a "eventos", palavra que aparece três vezes em seu enunciado. Outra palavra muita citada é "contato", pois a rede é uma rede de "contatos": "de fonte", "de trabalho", "de colegas". Participar desses eventos amplia a lista de "contatos" e, consequentemente, o leque de trabalho, pois se pode oferecer serviços a essas pessoas ou mesmo procurá-las para "dividir trabalho". As palavras "fonte" e "trabalho" referem-se ao campo semântico do mundo do trabalho, enquanto "colega" pode ser tanto colega de trabalho quanto caminhar para o campo semântico da "amizade". Essa "sobreposição" entre a "amizade" e o "contato de trabalho" fica clara no último trecho de seu enunciado: "o *freelancer* tem muito mais contatos, muito mais amigos, muito mais fontes do que quem tá dentro da redação". Há uma exaltação do trabalho do *freelancer*, pois, além de mais "contatos de trabalho" (o que lhe permite conseguir um maior número de projetos e, consequentemente, aumentar sua renda mensal), o *freelancer* teria "mais amigos", ou seja, ainda teria uma vida pessoal mais "saudável" que o jornalista de redação, quem, então, seria uma pessoa com menos amigos. Reforça-se aqui o embaralhamento discursivo entre "amizade" e "contato".

Os jornalistas *freelancers* deixam clara a importância que tem a rede de contatos para o seu mundo do trabalho, sendo que, no campo jornalístico, há um senso comum de que o que vale na profissão é o "Q.I.", abreviação para "Quem Indica". Nas prescrições do livro "Jornalismo Freelance", Rainho (2008) afirma: "a maior parte das ofertas de emprego não é publicada nos jornais, e sim preenchida por indicação. Nada mais verdadeiro no meio jornalístico no qual o Q.I. (quem indicou) é uma tradição" (p. 68).

Para Nadya Guimarães (2009), na cidade de São Paulo, os contatos pessoais são uma força importante na hora de procurar um trabalho, muitas vezes mais preponderante que uma agência intermediadora, por exemplo. "A rede é pensada como sendo um mecanismo importante pelo qual o indivíduo pode ter acesso a informações novas, por ele ainda não sabidas, aumentando, assim, as suas chances de (re)localizar-se no mercado" (GUIMARÃES, 2009, p. 190). Essa situação é exemplificada no depoimento abaixo:

> Eu acho que... noventa por cento das coisas que você consegue, é realmente por causa de pessoas que você conhece que te chamam, eu também nunca mandei...Minto, uma vez eu mandei um currículo e que a pessoa me chamou e que eu fiz uma entrevista e da primeira vez ele não me chamou. Dois anos depois a secretária liga: "Olha você fez aquela entrevista, você ainda tá interessada?" e eu fui e é justamente essa fundação que eu estou atualmente como assessora de imprensa... Foi a única vez na vida né, em 40 anos de formada, de resto é realmente é por indicação né? (Eloísa)

A constatação de Eloísa reforça a importância da comunicação no mundo do trabalho para o jornalista *freelancer*. Se não se intensifica a comunicação no mundo do trabalho, diminuem as chances de o sujeito sobreviver na profissão. Como será, então, que se dá essa relação entre os *freelancers*? Outro diálogo travado entre alguns profissionais da área pode ser esclarecedor neste sentido:

> Marina – No meu caso da própria rede de frilas, eu indico frilas pra todo mundo, se alguém me liga e fala eu falo: "Tá aqui ó...", pra qualquer um...
>
> Caio – Isso é uma coisa que eu acho que te padroniza muito como frila...
>
> Marina – É isso ai, na hora que eu tô assim, eu tenho, assim, hoje eu tô sendo vítima de relações que eu fiz muito fortes, então o que eu falei, tô trabalhando na... são duas empresas gigantes, ah,... tem 600 funcionários, e a outra tem 80, mas é uma especializada em sustentabilidade...
>
> Caio – Tenho um amigo que trabalha lá...
>
> Marina – Quem é?
>
> Caio – O Conrado.
>
> Marina – Ah é?
>
> Caio – Você conhece?
>
> Marina – Conheço... Então, assim, eu tenho, tipo eu conheço muito, assim, as pessoas, eu vou, sempre me ligam, ai chegou uma hora que eu trabalhei tanto pra eles, que aqueles outros contatos que eu trabalhei, eu fui deixando, fui deixando... e agora que eu tô um pouco de saco cheio das coisas que eu tô tendo...essa semana mesmo eu mandei e-mail pra um monte de gente, "E aí, quanto tempo? Faz tempo que eu não faço nada, como que tá?" Então...porque eu fiquei muito assim... (Marina e Caio)

Esse diálogo entre Marina e Caio evidencia como são as relações de comunicação entre os jornalistas *freelancers*, pois, no desenrolar da conversa, eles percebem que possuíam um amigo em comum. No primeiro enunciado de Marina, ela mostra como se dá o

processo de indicação de trabalho: se ela indica profissionais a alguém, provavelmente é porque possui poder na rede: "eu indico frilas pra todo mundo". Para Caio, ao indicar alguém para algum trabalho, o jornalista *freelancer* "padroniza-se" enquanto tal, segundo seu enunciado, como se a identidade desse profissional fosse marcada pela indicação e pela rede de contatos.

O poder simbólico de Marina em seu meio de trabalho é destacado ulteriormente em uma passagem na qual ela enuncia que "trabalhou tanto" para um conjunto de instituições que foi "deixando de lado" os outros contatos; hoje precisaria realizar novamente um trabalho de prospecção no mercado. Porém, sua forma de driblar essa situação seria pela força dos contatos que ela estabeleceu ao longo de sua trajetória: "eu conheço muito, assim, as pessoas, eu vou, sempre me ligam". Trata-se de uma pessoa que faz questão de enunciar o quanto é bem-relacionada e bem-posicionada na rede de contatos do mundo do trabalho, o que Bourdieu (2007) chamaria de capital social. Não se trata de contatos conseguidos ingenuamente ou para se fazer novos amigos: "aqueles outros contatos que eu trabalhei". Trabalha-se em cima de novos contatos para conseguir novos projetos, trata-se, antes de tudo, de um processo de trabalho, não um passatempo; envolve, inclusive, a posição de poder nessa rede de contatos. Quando enuncia a retomada dos contatos, Marina passa de "vítima" a "estar de saco cheio", que revela mais uma irritação com a sua atividade real de trabalho que ser vítima de uma situação; portanto, sugere uma necessidade de trabalhar para alteração de sua situação no momento.

Do mesmo modo que o jornalista *freelancer* depende da indicação de outros profissionais para conseguir trabalho, ele também é solicitado para indicar profissionais, como enuncia Igor: "você tem que indicar alguém". É uma questão imperativa, necessária para a sobrevivência na profissão, como um ciclo de compartilhamento: é preciso indicar e ser indicado. Ao mesmo tempo, é preciso avaliar bem essas relações de comunicação, pois a reputação depende da qualidade do trabalho de quem foi indicado pelo *freelancer*. Ou seja, é preciso ter bons contatos para que se consiga trabalho e outros contatos para repassar atividades. Além disso, deve-se fazer um trabalho bem-feito e ver se os outros componentes da rede também estão realizando com perícia seu trabalho para evitar possíveis constrangimentos. Desse modo, os discursos sobre as redes de contatos revelam o quanto as atividades de comunicação influenciam as atividades de trabalho e como esee binômio está imbricado. É um trabalho no qual se criam e cultivam relações de comunicação para se fazer

parte de uma rede de comunicação que busca trabalho – indicações, dicas – em comunicação.

5 Considerações Finais

Os discursos sobre o trabalho revelam, em um plano "micro", os valores sobre o trabalho e sobre a sociedade em que se vive. O trabalho dá pistas sobre a reconfiguração das relações de comunicação e dos laços colaborativos entre os jornalistas. Ao mudar a forma de relacionamento, o que mudam são os valores no trabalho e as formas de construir a sociedade. Nesse ponto, é que dizemos que o sujeito é individual e social, e o trabalho tem uma dimensão social (histórica) e uma dimensão individual (com base nas renormalizações). Cada vez mais, o trabalho é realizado individualmente, mas os valores do individualismo e das relações puramente "comerciais" e "empresariais" não são fruto de uma pessoa só. O trabalho depende de uma rede de relações, mesmo quando se está só trabalha-se com base no trabalho de alguém e depende-se do trabalho de outro. No trabalho, joga-se o jogo do micro e do macrossocial, constroem-se redes de relacionamento muitas vezes tênues, frágeis, instáveis, mas fundamentais.

O conceito de "entidades coletivas relativamente pertinentes", trabalhado pela Ergologia, mostra-se crucial para entender as transformações no mundo do trabalho dos jornalistas. Inclusive, na realidade apresentada pela pesquisa empírica, poderíamos chamar as relações como "entidades coletivas convenientemente pertinentes". No contexto das mudanças estruturais na sociedade industrial apresentada no início deste texto, revela-se imperativo para um profissional assumir a função de "colaborador intermitente". Multiplicam-se as conexões e os elos; quem não explorar essas redes e souber encontrar os "melhores projetos", enfim, fazer os melhores contatos, está ameaçado de exclusão.

Referências

BRAGA, José L.. Comunicação, disciplina indiciária. In: **Revista MATRIZes**, n.2, São Paulo, 2008, p.73-88.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007

DURRIVE, Louis. A atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde,** Rio de Janeiro, v.9, 2011, p.47-67.

FÍGARO, Roseli. Atividade de Comunicação e de Trabalho. In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde,** Rio de Janeiro, v.6, 2008, p.107-145.

_____. A comunicação como campo de sentidos em disputa. In: XIX Encontro Nacional da Compós, v.1, Rio de Janeiro. 2010, p. 1-15.

_____. A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores. In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde,** Rio de Janeiro, v.9, 2011, p.285-297.

_____; GROHMANN, Rafael. Estudos de Recepção e Ergologia: os jornalistas como receptores-trabalhadores. In: **XXI Encontro Nacional da Compós***,* Juiz de Fora, v.1, p.1-16, 2012.

GROHMANN, Rafael. Os Discursos dos Jornalistas *Freelancers* Sobre o Trabalho: comunicação, mediações e recepção. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GUIMARÃES, Nadya. À Procura de Trabalho: instituições de mercado e redes. São Paulo: Argumentum, 2009

NOUROUDINE, Abdallah. La pluridisciplinaridad en el análisis del trabajo y del desarrollo: una indisciplina epistemológica. In: **Desacatos**, Distrito Federal - México, n.9, 2002, p.125-131.

_____. Como conhecer o trabalho quando o trabalho não é mais trabalho? In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde,** Rio de Janeiro, v.9, 2011, p.69-83.

RAINHO, José M. Jornalismo Freelance: empreendedorismo na comunicação. São Paulo: Summus, 2008.

RIBEIRO, José H. Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e valor. In: Revista Tempo Social, São Paulo, v.8, n.2, 1996, p.147-158.

_____. Técnicas e competências. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). Trabalho e ergologia: conversa sobre a atividade humana. Niterói: Editora EdUFF, 2007a, p.85-102.

_____. A linguagem em trabalho. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). Trabalho e ergologia: conversa sobre a atividade humana. Niterói: Editora EdUFF, 2007b, p.133-150.

_____. Conceituando o trabalho, o visível e o invisível. In: Revista Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.9, 2011, p.19-45.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e Educação: o método ergológico. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, 2010, p.93-113.

WILLIAMS, Raymond. Palavras-Chave: Um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007

WOLTON, Dominique. Informar Não é Comunicar. Porto Alegre: Sulina, 2010.

The collaborative ties and the communication relationships in the world of work: the case of freelance journalists

Abstract

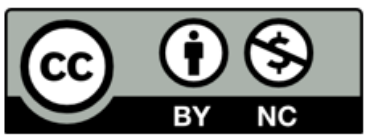
This article aims to highlight the importance of analyzing collaborative ties in the world of work through the prism of the binomial Communication and Work, from an ergological perspective and by the concept of "collective entities relatively relevant". The theoretical discussion will be tensioned with an empirical research with freelance journalists in the city of São Paulo, presenting aspects of manifestation of these ties under the communication relationships.

Keywords
Communication, work, journalism

Los lazos de colaboración y las relaciones de comunicación en el mundo del trabajo: el caso de los periodistas *freelancers*

Resumen
En este artículo se pretende destacar la importancia de analizar las relaciones de colaboración en el mundo del trabajo a través del prisma del binomio Comunicación y Trabajo, a partir de una perspectiva ergologica y del concepto de "entidades colectivas relativamente relevantes". La discusión teórica será tensionada con una investigación empírica realizada con los periodistas *freelancers* de la ciudad de São Paulo, presentando matices de la manifestación de estos vínculos dentro de las relaciones de comunicación.

Palabras-clave
Comunicación, trabajo, periodismo

Recebido em 20/02/2013
Aceito em 24/10/2013

Copyright (c) 2010 Autor(es) / Copyright (c) 2012 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.